

# SUMÁRIO

Língua Portuguesa.....	9
Matemática e Raciocínio Lógico-Matemático.....	43
Física.....	67
Conhecimentos Gerais e Atualidades .....	79
Administração Geral .....	93
Administração Pública.....	101
Arquivologia.....	109
Administração de Recursos Materiais.....	115
Direito Constitucional.....	121
Direito Administrativo.....	131
Direito Penal.....	141
Direito Processual Penal.....	157
Direitos Humanos .....	165
Legislação do Trânsito - STN.....	175
Legislação da PRF .....	193
Legislação Especial .....	209
Ética no Serviço Público .....	217

## INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

Instrução: Em algumas das questões a seguir, preencha nos campos a seguir o campo designado com o código C, caso julgue o item CERTO; ou o campo designado com o código E, caso julgue o item ERRADO.

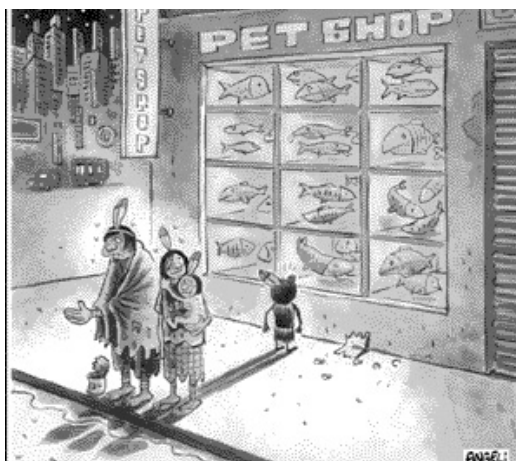
### 1. (PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – CESPE – 2008)

À medida que se expandia o Império Romano, a administração adaptava o esquema de construção de estradas nas novas províncias. No seu apogeu, a rede viária romana principal atingiu, consideradas as vias secundárias, cerca de 150.000 km. Os comerciantes romanos perceberam logo o interesse desses eixos viários. Distintamente de outras civilizações mediterrâneas que fundaram o seu desenvolvimento comercial quase unicamente a partir dos seus portos, os romanos utilizaram a sua rede de estradas em paralelo à sua frota comercial. Essa medida favoreceu os intercâmbios no interior do continente, provocando uma expansão mercantil fulgurante. Regiões inteiras especializaram-se e comerciaram entre si, principalmente vinho, azeite, cereais, cerâmicas e carnes.  
Internet: <[www.wikipedia.org/wiki](http://www.wikipedia.org/wiki)>. (Com adaptações.)

De acordo com o texto acima, verifica-se que

- o apogeu do Império Romano está associado à construção de estradas, em detrimento do desenvolvimento das vias portuárias.
- as conquistas territoriais do Império Romano foram acompanhadas de condições favorecedoras de atividades comerciais.
- a conquista política de territórios pelo Império Romano era fruto do patrocínio dos comerciantes.
- todas as civilizações mediterrâneas, excetuando-se a romana, privilegiavam o comércio marítimo.
- o principal interesse da administração romana era o comércio no continente, com regiões cuja produção era especializada.

### 2. (PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – CESPE – 2008)



Angeli. Folha de S.Paulo, 27 fev. 2005.

A charge anterior destaca principalmente o seguinte tema:

- a) desenvolvimento urbano e destruição de ambientes naturais.
- b) a sofisticação do comércio nos meios urbanos em contraste com a simplicidade dos índios.
- c) o uso de língua estrangeira como símbolo de desenvolvimento de uma cidade.
- d) desqualificação dos cidadãos sem poder de compra em uma sociedade de consumo.
- e) desmistificação do índio guerreiro e sua consequente exclusão no meio urbano.

### 3. (PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – CESPE – 2008)

Houve uma época em que os homens viviam bem mais próximos do céu. E o céu, dos homens. Imagine um mundo sem luz elétrica, esparsamente povoado, um mundo praticamente sem tecnologia, fora os arados dos campos e os metais das ferramentas e das espadas. Nesse mundo, o céu tinha um significado muito diferente do que tem hoje. A sobrevivência das pessoas dependia de sua regularidade e clemência.

Olhar para os céus e aprender seus ciclos era o único modo de marcar a passagem do tempo. Logo ficou claro que o céu tinha dois temperamentos: um, bem-comportado, repetitivo, como o nascer e o pôr do Sol a cada dia, as quatro fases da Lua e as quatro estações do ano; outro, imprevisível, rebelde e destruidor, o senhor das tempestades e dos furacões, dos estranhos cometas, que atravessavam lentamente os céus com sua luz fantasmagórica, e dos eclipses totais do Sol, quando dia virava noite e as estrelas e os planetas faziam-se visíveis e o Sol tingia-se de um negro profundo.

Os céus eram mágicos, a morada dos deuses. O significado da vida e da morte, a previsão do futuro, o destino dos homens, tanto dos líderes quanto de seus súditos, estavam escritos nos astros. Fenômenos celestes inesperados eram profundamente temidos. Entre eles, os eclipses eram dos piores: se os deuses podiam apagar o Sol por alguns minutos, certamente poderiam fazê-lo permanentemente.

Marcelo Gleiser. O céu de Ulisses. In: Folha de S.Paulo. 6 jun. 2008, p. 9.

Assinale a opção em que é apresentado resumo do primeiro parágrafo do texto de acordo com a técnica de resumo de frases e textos.

- a) Em um mundo sem energia elétrica e quase sem tecnologia, os homens atribuíam ao céu o poder de lhes determinar a sobrevivência, o que os tornava mais próximos do céu do que são atualmente.
- b) Nos primórdios da humanidade, quando os homens usavam apenas arados, espadas e algumas ferramentas, os homens sabiam que, diferentemente do que ocorre hoje, dependiam da clemência do céu e da regularidade das tempestades.
- c) Há muitos e muitos anos, quando ainda não estava disponível a energia elétrica e quando a tecnologia era muito atrasada e pouco útil, os homens valorizavam muito o que observavam de regularidade no céu porque era ele que lhes indicava se a sobrevivência deles corria risco.
- d) Os homens já viveram mais próximos do céu do que vivem nos dias atuais. Isso aconteceu porque não se usava luz elétrica nem havia toda a tecnologia atual. Naquela época, os homens respeitavam o céu, porque não sabiam defender-se de tempestades.
- e) Num passado remoto, as únicas tecnologias que os homens dominavam eram o arado e metais de ferramentas e espadas. Não havia luz elétrica nessa época e, por isso, o céu era observado apenas à noite, quando os homens temiam os fenômenos inesperados. Isso os aproximava e garantiu a sobrevivência da espécie humana.

#### 4. (PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – CESPE – 2008)

No tempo de andarilho

Prospera pouco no Pantanal o andarilho. Seis meses, durante a seca, anda. Remói caminhos e descaminhos. Abastece de perna as distâncias. E, quando as estradas somem, cobertas por águas, arrancha.

O andarilho é um antipiqueteiro por vocação. Ninguém o embuçala. Não tem nome nem relógio. Vagabundear é virtude atuante para ele. Nem é um idiota programado, como nós. O próprio esmo é que o erra.

Chega em geral com escuro. Não salva os moradores do lugar. Menos por deseducado. Senão por alheamento e fastio.

Abeira-se do galpão, mais dois cachorros, magros, pede comida, e se recolhe em sua vasilha de dormir armada no tempo.

Cedo, pela magrez dos cachorros que estão medindo o pátio, toda a fazenda sabe que Bernardão chegou. “Venho do oco do mundo. Vou para o oco do mundo.” É a única coisa que ele adianta. O que não adianta.

(...)

Enquanto as águas não descem e as estradas não se mostram, Bernardo trabalha pela boia. Claro que resmunga. Está com raiva de quem inventou a enxada. E vai assustando o mato como um feiticeiro.

Os hippies o imitam por todo o mundo. Não faz entretanto brasão de seu pioneirismo. Isso de entortar pente no cabelo intratável ele pratica de velho. A adesão pura à natureza e a inocência nasceram com ele. Sabe plantas e peixes mais que os santos.

Não sei se os jovens de hoje, adeptos da natureza, conseguirão restaurar dentro deles essa inocência. Não sei se conseguirão matar dentro deles a centopeia do consumismo.

Porque, já desde nada, o grande luxo de Bernardo é ser ninguém. Por fora é galalau. Por dentro não arredou de criança. É ser que não conhece ter. Tanto que inveja não se acopla nele.

Manoel de Barros. Livro de pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no Pantanal. 2.a ed. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 47-8.

De acordo com o texto, o andarilho

- percebe que as pessoas dos lugares aonde chega têm expectativa do aparecimento de um salvador, mas ele mantém-se alheio às crenças locais.
- dispensa qualquer tipo de relação com os habitantes dos lugares por onde passa porque não é “um idiota programado”.
- não cumprimenta os moradores do lugar onde “arrancha” porque se mantém alheio e considera enfadonho o ato social do cumprimento.
- é um cidadão típico que inspira todos os jovens que já nasceram valorizando a natureza e cultuando a inocência.
- manifesta atitudes infantis que contrastam com sua aparência robusta porque sua meta é ser ninguém em um mundo que só conhece o ter.

5. (PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – CESPE – 2008) Utilizando a função poética da linguagem, o autor do texto

- faz apologia do modo de vida do andarilho e, conseqüentemente, de todos aqueles que desprezam o trabalho.

- b) critica os valores de indivíduos que compõem a sociedade atual ao contrapor-lhes a beleza que percebe na figura do andarilho.
- c) apresenta a figura idealizada do andarilho, buscando convencer o leitor a se solidarizar com pessoas à margem da sociedade e a lhes oferecer emprego.
- d) descreve um andarilho cujo objetivo “é ser ninguém”, para ressaltar a influência desse tipo social no movimento tanto de jovens que romperam com os valores sociais estabelecidos quanto dos jovens consumistas.
- e) desaprova o modo de vida do andarilho, como comprova o trecho “Vagabundear é virtude atuante para ele”.

## 6. (PRF – AGENTE ADMINISTRATIVO – CESPE – 2012)

O novo regime automotivo anunciado pelo governo federal incorpora algumas boas práticas de política industrial, como o incentivo à inovação, à eficiência energética e ao fortalecimento da cadeia de produção local — mas com a clara intenção de não privilegiar acintosamente a indústria nacional, para evitar questionamentos na Organização Mundial do Comércio.

A nova política condiciona a isenção da alíquota adicional de 30% no imposto sobre produtos industrializados a contrapartidas mensuráveis das empresas. Para obter benefícios maiores, será obrigatório cumprir metas múltiplas. Exige-se, por exemplo, investimento crescente em pesquisa e desenvolvimento, até atingir 0,5% da receita líquida entre 2015 e 2017, além de 1% para engenharia, tecnologia industrial básica e capacitação de fornecedores.

Não se fala mais em percentual mínimo de conteúdo nacional, mas as montadoras terão de realizar no Brasil ao menos seis de doze etapas fabris já em 2013. Outro requisito fundamental é a economia de combustível, com o objetivo de alinhar a produção às exigências de países líderes, como os da Europa. A marca de 17,3 km/L para os automóveis novos — uma redução de 12% do consumo atual — precisará ser atingida até 2017.

Editorial, Folha de S. Paulo, 5 out. 2012 (Com adaptações.)

Depreende-se das informações do texto que os países da Europa dispensam os fabricantes de veículos do cumprimento de metas de economia de combustível.

( ) CERTO      ( ) ERRADO

## 7. (PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – CESPE – 2013)

Todos nós, homens e mulheres, adultos e jovens, passamos boa parte da vida tendo de optar entre o certo e o errado, entre o bem e o mal. Na realidade, entre o que consideramos bem e o que consideramos mal. Apesar da longa permanência da questão, o que se considera certo e o que se considera errado muda ao longo da história e ao redor do globo terrestre.

Ainda hoje, em certos lugares, a previsão da pena de morte autoriza o Estado a matar em nome da justiça. Em outras sociedades, o direito à vida é inviolável e nem o Estado nem ninguém tem o direito de tirar a vida alheia. Tempos atrás era tido como legítimo espancaram-se mulheres e crianças, escravizaram-se povos. Hoje em dia, embora ainda se saiba de casos de espancamento de mulheres e crianças, de trabalho escravo, esses comportamentos são publicamente condenados na maior parte do mundo.

Mas a opção entre o certo e o errado não se coloca apenas na esfera de temas polêmicos que atraem os holofotes da mídia. Muitas e muitas vezes é na solidão da consciência de cada um de nós, homens e mulheres, pequenos e grandes, que certo e errado se enfrentam.

E a ética é o domínio desse enfrentamento.

Marisa Lajolo. Entre o bem e o mal.

In: Histórias sobre a ética. 5.ª ed. São Paulo: Ática, 2008. (Com adaptações.)

No texto, a expressão “pequenos e grandes” não se refere a tamanho, podendo ser interpretada como equivalente à expressão “adultos e jovens”, ou seja, em referência a faixas etárias.

( ) CERTO ( ) ERRADO

**8. (PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – CESPE – 2013)** Infere-se do texto que algumas práticas sociais são absolutamente erradas, ainda que o conceito de certo e errado seja variável do ponto de vista social e histórico.

( ) CERTO ( ) ERRADO

**9. (PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – CESPE – 2013)** Infere-se do período “Mas a opção (...) da mídia” que nem todos “os temas polêmicos” recebem a atenção dos meios de comunicação.

( ) CERTO ( ) ERRADO

**10. (PRF – AGENTE ADMINISTRATIVO [01] – FUNCAB – 2014)**

Inauguração da Avenida

[...]  
Já lá se vão cinco dias. E ainda não houve aclamações, ainda não houve delírio. O choque foi rude demais. A calma ainda não renasceu.

Mas o que há de mais interessante na vida dessa mó de povo que se está comprimindo e revolteando na Avenida, entre a Prainha e o Boqueirão, é o tom das conversas, que o ouvido de um observador apanha aqui e ali, neste ou naquele grupo.

Não falo das conversas da gente culta, dos “doutores” que se julgam doutos.

Falo das conversas do povo - do povo rude, que contempla e critica a arquitetura dos prédios: “Não gosto deste... Gosto mais daquele... Este é mais rico... Aquele tem mais arte... Este é pesado... Aquele é mais elegante...”.

Ainda nesta sexta-feira, à noite, entremeti-me num grupo e fiquei saboreando uma dessas discussões. Os conversadores, à luz rebrilhante do gás e da eletricidade, iam apontando os prédios: e - coisa consoladora - eu, que acompanhava com os ouvidos e com os olhos a discussão, nem uma só vez deixei de concordar com a opinião do grupo. Com um instintivo bom gosto subitamente nascido, como por um desses milagres a que os teólogos dão o nome de “mistérios da Graça revelada” - aquela simples e rude gente, que nunca vira palácios, que nunca recebera a noção mais rudimentar da arte da arquitetura, estava ali discernindo entre o bom e o mau, e discernindo com clarividência e precisão, separando o trigo do joio, e distinguindo do vidro ordinário o diamante puro.

É que o nosso povo - nascido e criado neste fecundo clima de calor e umidade, que tanto beneficia as plantas como os homens - tem uma inteligência nativa, exuberante e pronta, que é feita de sobressaltos e relâmpagos, e que apanha e fixa na confusão as ideias, como a placa sensibilizada de uma máquina fotográfica apanha e fixa, ao clarão instantâneo de uma faísca de luz oxidrica, todos os objetos mergulhados na penumbra de uma sala...

E, pela Avenida em fora, acotovelando outros grupos, fui pensando na revolução moral e intelectual que se vai operar na população, em virtude da reforma material da cidade.

A melhor educação é a que entra pelos olhos. Bastou que, deste solo coberto de baiucas e taperas, surgissem alguns palácios, para que imediatamente nas almas mais incultas brotasse de súbito a fina flor do bom gosto: olhos, que só haviam contemplado até então betesgas, compreenderam logo o que é a arquitetura. Que não será quando da velha cidade colonial, estupidamente conservada até agora como um pesadelo do passado, apenas restar a lembrança? [...]